

# Ciência e a magia da vida no pensamento de Max Weber

Manoel Adam Lacayo Valente

## Sumário

1. Introdução. 2. Ciência como vocação. 2.1 Sobre as condições externas que determinam a vocação científica. 2.2 Sobre as condições interiores do próprio cientista. 2.3 Sobre a significação da ciência e sobre a racionalização do mundo. 2.4 Sobre a contribuição positiva da ciência para a vida prática e pessoal. 3. Conclusão.

## 1. Introdução

Decorridos quase noventa anos do seu prematuro falecimento, acontecido em 14 de junho de 1920, o pensamento de Max Weber (1864-1920) ainda conserva o seu potencial instigante e, mais do que isso, demonstra-se atualizado para o presente. Com efeito, *questões referentes à neutralidade ou à objetividade da ciência, ao processo da racionalização da vida social, à estruturação da burocracia e a sua influência sobre a democracia dos Estados nacionais são bem contemporâneas*, o que comprova o vigor das idéias de Weber.

Este trabalho debruça-se analiticamente sobre um dos mais polêmicos textos weberianos, qual seja o intitulado “Ciência como Vocação”, intentando promover uma síntese compreensiva dos principais argumentos apresentados por Weber. As conferências “A Ciência como Vocação” e “A Política como Vocação”, proferidas por Weber, respectivamente, em 7 de novembro de 1917<sup>1</sup> e 28 de janeiro de 1919, “resumem a trajetória da sua vida”, consoante as palavras de Jacob

Manoel Adam Lacayo Valente é bacharel em Direito, com habilitação em Direito Público, bacharel em Comunicação Social, Mestre em Sociologia pela Universidade de Brasília, Consultor Legislativo, da área de Direito Administrativo, da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados e Advogado.

Peter Mayer (1985, p. 84), apostas em sua obra “Max Weber e a Política Alemã”.

Alexandre Hecker (1999), em trabalho intitulado “A Ciência Isenta e a Mão no Leme da História”, aponta as duas idéias que, em seu entendimento, norteiam o contexto de “A Ciência como Vocação”:

“A preocupação em ‘A Ciência como Vocação’, no que se refere à relação entre ciência e política, é garantir o entendimento de duas idéias:

a) a crescente racionalização e o progresso do conhecimento técnico contribui para ‘desencantar o mundo’ e para procurar ‘dominar todas as coisas pelo cálculo’. Mas isso não significa saber mais das condições de vida em que existimos:

A ciência pressupõe... que o produto do trabalho científico é importante no sentido de que ‘vale a pena conhecê-lo’. Nisto estão encerrados todos os nossos problemas, evidentemente. Pois essa pressuposição não pode ser provada por meios científicos – só pode ser *interpretada* com referência ao seu significado último, que devemos rejeitar ou aceitar, segundo a nossa posição última em relação à vida.

b) objetivos políticos não podem estar presentes nos propósitos do cientista, ainda mais quando o seu trabalho intelectual esteja relacionado ao assunto:

Tomar uma posição política prática é uma coisa, e analisar as estruturas políticas e as posições partidárias é outra. Ao falar num comício político sobre a democracia, não escondemos nosso ponto de vista pessoal... As palavras que usamos nesse comício não são meios de análise científica, mas meios de conseguir votos e vencer os adversários... Seria um ultraje, porém, usá-las do mesmo modo na sala de aula ou na sala de conferências... É, sem dúvida, possível que o professor

individual não consiga eliminar totalmente suas simpatias pessoais. Fica, então, sujeito à crítica mais violenta no foro de sua própria consciência”.

Essas duas vertentes, a que realiza a análise do processo de racionalização da vida moderna, com o progressivo desencantamento do mundo, e a que enfoca a importância da construção científica despojada de valores, serão abordadas ao longo deste texto.

## 2. Ciência como vocação

O pensamento de Weber, como se sabe, é denso e *plasmado por um permanente dualismo* que exige dos seus intérpretes extremo cuidado na tarefa de compreensão dos seus escritos. Com efeito, a dicotomia “paixão e razão” traduziria, de forma sintética, o enfoque de Max Weber sobre a vida.<sup>2</sup> *Se por um lado valorizava a importância do conhecimento científico para o homem, por outro lamentava o processo de retirada da magia das coisas, de desencantamento do mundo e de progressiva racionalização promovido por essa mesma ciência.* A burocracia figurava para o Weber racional como o melhor aparato para condução impessoal e eficiente da máquina estatal, mas, para o Weber estimulado pela paixão, ela representava uma ameaça à democracia e à autonomia dos políticos. Acreditava que o professor podia, em sua cátedra, discorrer sobre ciência política e a respeito da organização eficiente do Estado, mas não devia valer-se de sua posição privilegiada de preceptor para influenciar, partidariamente, seus alunos. Nesse caráter dual, que perpassa toda sua obra, reside a singularidade do pensamento weberiano. Edilberto A. Sastre (1999), em poucas palavras, demonstra esse matiz original que caracteriza a produção intelectual de Max Weber:

“Ler a obra de Max Weber é sempre um exercício difícil dada a alta complexidade categorial que ele construiu. Tentar entender este todo complexo e dinâmico através de sua obra

leva o leitor a se deparar com uma rede de nós teóricos onde categorias são, às vezes, contraditórias, complementares ou, inclusive, dissimiles. Aquilo que parece ser a característica fundamental da sociologia weberiana é identificado por seus estudiosos como sendo uma arquitetura teórica construída a partir de dualidades.

Em outros termos, por trás de todo o gigantesco universo sociológico de Max Weber, encontra-se uma lógica que estrutura todo o seu discurso baseada num permanente e dinâmico jogo de dualidades. O que resulta paradoxal é constatar que este consenso sobre as dualidades que estruturam a obra de Weber oculta um mistério: a lógica das dualidades weberiana continua não explicada. Os estudiosos apenas vislumbram analogias, metáforas, espelhos.

Devido a tal estrutura dual, Weber foi chamado de dialético, de dicotomizador, de maniqueísta, de antinômico. Mais ainda, fala-se que sua obra propõe constante integração entre categorias ou constante tensão, e que por tudo isso termina sendo paradoxal, pessimista e até niilista”.

A conferência “Ciência como Vocação”, orientada pelo caráter dual do pensamento weberiano, mostra o eterno embate entre a paixão e a razão e, em nossa visão, pode, para fins analíticos, ser dividida em quatro segmentos que contemplam os seguintes enfoques:

- Condições externas que determinam a vocação científica;
- Condições interiores do próprio cientista;
- Sobre a significação da ciência e sobre a racionalização do mundo;
- Sobre a contribuição positiva da ciência para a vida prática e pessoal.

Cada um desses enfoques tratados por Weber será, em seguida, sintetizado e comentado criticamente.

## 2.1 Sobre as condições externas que determinam a vocação científica

O leitor menos afeiçoado com a profundidade das idéias que figuram nos textos de Weber poderia, se parasse a leitura da conferência “A Ciência como Vocação” em suas páginas preambulares, guardar uma idéia equivocada do vigor do pensamento weberiano. Com efeito, o início da conferência retrata um Weber preocupado com questões referentes à organização acadêmica do ensino universitário alemão. Por isso mesmo, John Patrick Diggins (1999, p. 181) fez a seguinte observação sobre o teor da conferência:

“A conferência – que veio a ser considerada um dos grandes documentos modernos do século XX, uma meditação sobre o destino do racionalismo ocidental – abre com alguns comentários prosaicos. Weber explica aos alunos no auditório lotado as diferenças entre o ‘privatdozent’ alemão, que tem estabilidade no emprego, mas nenhuma expectativa de progresso, e o professor assistente americano, que não tem nenhuma segurança até obter uma posição estável ao demonstrar resultados na pesquisa”.

Weber, nessa parte da conferência, faz uma reflexão a respeito do sistema universitário alemão, mais especificamente no que se relaciona com a carreira dos docentes. Sua análise, efetuada de maneira comparativa, toma como modelo de cotejo universitário o americano, tendo em conta apresentar “os contrastes mais violentos com a Alemanha”, consoante palavras do próprio Weber (1998, p. 17).

A perspectiva de Weber (1998, p. 24) é a de que o sistema universitário alemão é obsoleto em seu funcionamento (cartorial, seria a palavra mais adequada), impessoal no tocante às escolhas de docentes para promoção na carreira, deficiente no que tange à concessão de condições para aprimoramento dos pesquisadores-professores e pouco criterioso com relação à “qualida-

*de profissional” de seus integrantes* (o próprio Weber apresenta em sua conferência, a seguinte frase: “Você se acredita capaz de ver, sem desespero amargo, ano após ano, passar à sua frente mediocridade após mediocridade?”). A conferência de 1917 denunciava a baixa autonomia do sistema universitário alemão o qual, totalmente dependente do Estado, tolhia a independência dos jovens professores que, para progredirem em suas carreiras, tornavam-se “alinhados” do governo.

As palavras de John Patrick Diggins (1999, p. 178) sobre a visão de Weber a respeito do sistema universitário alemão ratificam nossa observação anterior:

“Max Weber, o cientista social que via poder e dominação em todas as partes, não iria permitir que isso predominasse em instituições dedicadas ao conhecimento e à cultura. O que estava em jogo era a contaminação de uma vocação por outra, a vocação do aprendizado pela profissão da política, a integridade do conhecimento pelas ameaças do poder. Para usar um termo sociológico deselegante, o que Weber temia era a ilegitimidade do ensino superior. Ele reclamava que a educação cairia na ‘custódia dos operadores inferiores, pessoalmente amigáveis, mas temivelmente inferiores’. O domínio destes funcionários brandos criará somente ‘um mercado favorável à ascensão do acadêmico condescendente, de acordo com a regra que diz que, segundo mostra a experiência, um medíocre num corpo docente atrai outros’. Prevalecendo essa tendência, os docentes serão incapazes de oferecer qualquer resistência à opinião pública ou ao governo, em virtude do enfraquecimento da sua autoridade moral”.

As observações de Weber (1998, p. 23) que devem ser destacadas, no tocante a esse segmento, além das já apontadas, são as seguintes:

– A carreira do jovem professor universitário alemão depende da sua condição financeira pessoal, já que o Estado não lhe proporciona nenhuma retribuição. Nos Estados Unidos, ao contrário, desde o início o jovem docente percebe uma remuneração.

– A habilitação (candidatura) dos orientandos de um determinado professor deveria ser realizada perante outro professor e em outra universidade

– O jovem professor alemão, em sua fase inicial de carreira, leciona bem menos que os jovens assistentes americanos que, ao contrário, são sobrecarregados nesse período.

– A promoção tanto do professor alemão quanto do assistente americano à posição de professor titular ou de diretor de um instituto *está entregue ao acaso* (“Não me consta existir, em todo o mundo, carreira em relação à qual o seu papel seja mais importante”).

– A síndrome da sala cheia: o mérito do cientista “pertence ao domínio do imponderável”. O professor é avaliado pela assiduidade com que os estudantes se disponham a honrá-lo.

Todas essas considerações exteriorizam, além da visão descontente de Weber sobre o sistema universitário alemão, a sua concepção a respeito do papel relevante que o professor universitário deveria desempenhar. *Poder-se-ia dizer que Weber esperava que o mundo acadêmico cumprisse o papel que Tocqueville via os advogados cumprindo numa América democrática sem uma aristocracia: o papel do pensador comprometido com a objetividade, a livre investigação e o amor da verdade.* (Diggins, 1999, p. 168).

## 2.2 Sobre as condições interiores do próprio cientista

Ainda dando continuidade ao exame da vocação científica, o texto de Weber (1998, p. 24) passa a analisar as “disposições inte-

riores do próprio cientista”. Na visão weberiana, nada significativo poderá ser alcançado no campo científico sem uma rigorosa *especialização*. Consoante as suas palavras:

“Só a especialização estrita permitirá que o trabalhador científico experiente por uma vez, e certamente não mais do que uma vez, a satisfação de dizer a si mesmo: desta vez, consegui algo que permanecerá”.

Ao lado da especialização, Weber (1998, p. 25) ressalta a importância da “*inspiração*” para o exercício da atividade científica.

A *dedicação exclusiva* é outro fator que Weber enfatiza como determinante para o desempenho científico eficaz.

Dessa forma, na concepção weberiana, as condições interiores que a vocação científica exige do pretendente a essa atividade são:

– *Especialização*;

– *Inspiração* [que, segundo Weber (1998, p. 25), “é o único fator decisivo”];

– *Dedicação plena à sua vocação*.

Aqui, mais uma vez, podemos notar o caráter dual do pensamento weberiano que se manifesta nos predicados da especialização e da inspiração. *Com efeito, a intelectualização requerida pela especialização contrasta com a intuição que alimenta a inspiração*. O racionalismo científico de um lado se alimenta, para sua sedimentação, do vigor da paixão que figura na outra face da equação weberiana.

### 2.3 Sobre a significação da ciência e sobre a racionalização do mundo

A abordagem de Weber, em sua conferência de 1917, não pode ser tida como uma lição de ética profissional para o futuro cientista ou como um manual de adequado procedimento laborativo. *O papel funcional do cientista é empregado como moldura de uma densa crítica ao processo de racionalização que se aprofunda na sociedade, movimento que equivale ao desencantamento do mundo com a retirada, pelo avanço da intelectualização, da magia das coisas, culminando com a disseminação de*

*uma razão instrumental*. A conferência de 1917 é uma meditação sobre o destino do racionalismo ocidental. (DIGGINS, 1999, p. 181).

Weber (1998, p. 29-30) indaga-se sobre a significação da ciência, não para o homem prático, mas para o homem de ciência. A indagação weberiana é feita da seguinte forma:

“Que obras significativas espera o homem de ciência realizar graças a descobertas invariavelmente destinadas ao envelhecimento, deixando-se aprisionar por esse cometimento que se divide em especialidades e se perde no infinito?”

Para enfrentar essa questão, Weber (1998, p. 30) debruça-se sobre *as características da nossa época que são a racionalização, a intelectualização e o desencantamento do mundo. Registra que “o progresso científico é um fragmento, o mais importante indubitavelmente, do processo de intelectualização a que estamos submetidos desde milênios”*.

O início desse processo de intelectualização está vinculado à descoberta grega do “conceito” ligado à descoberta renascentista da experimentação racional. (TRAGTENBERG, 2001, p. 11).

Mas o que significa, na prática, essa racionalização intelectualista que devemos à ciência e à técnica científica? (WEBER, 1998, p. 30).

Nas palavras de Weber (1998, p. 30), a racionalização pode ser entendida da seguinte forma:

“A intelectualização e a racionalização crescente não equivalem, portanto, a um conhecimento geral crescente acerca das condições em que vivemos. Significam, antes, que sabemos ou acreditamos que, a qualquer instante, poderíamos, bastando que o quiséssemos, provar que não existe, em princípio, nenhum poder misterioso e imprevisível que interfira com o curso de nossa vida; em uma palavra, que podemos dominar tudo, por meio da previsão. Equivale isso a despojar de magia o mundo”.

Julien Freund (2000, p. 23) comenta o sentido weberiano do processo de racionalização com as seguintes considerações:

“A racionalização e a intelectualização crescentes têm, entretanto, uma conseqüência decisiva, sobre a qual Weber insiste com veemência: elas desencantaram o mundo. Com os progressos da ciência e da técnica, o homem deixou de acreditar nos poderes mágicos, nos espíritos e nos demônios: perdeu o sentido profético e, sobretudo, o do sagrado. O real se tornou aborrecido, cansativo e utilitário, deixando nas almas um grande vazio que elas tentam preencher com a agitação e com toda espécie de artifícios e de sucedâneos. Entregues ao relativismo precário, ao provisório e ao ceticismo tedioso, os seres tentam mobilizar sua alma com uma confusão de religiosidade, estetismo, moralismo e cienticismo, enfim, com uma espécie de filosofia pluralista que acolhe indistintamente as máximas mais heteróclitas de todos os cantos do mundo. A mística se torna mistificação; a comunidade, comunitarismo, e a vida se reduz a uma seqüência de experiências vividas. Pede-se aos universitários e aos intelectuais que apresentem mensagens, enquanto, por força das coisas, eles estão confinados em uma especialidade. Envaidecidos de seu papel, eles substituem o sopro profético por um charlatanismo que aprezoa falsas devoções.”

E a ciência, nesse contexto de crescente racionalização e intelectualização, tem algum sentido que ultrapasse “essa pura prática e essa pura técnica”? (WEBER, 1998, p. 31).

O crescente movimento de especialização científica estimulou a fragmentação dos conhecimentos e, por conseqüência, *provocou uma ruptura entre o saber científico e o processo de formação e de desenvolvimento do indivíduo*. (ABELLÁN, 2001, p. 21).

*O conceito anterior de ciência contemplava uma integração entre ciência e concepção de mundo, entre ciência e vida, o que permitia conseguir daquela um guia e um sentido para a própria posição pessoal no mundo.* (ABELLÁN, 2001, p. 22).

A especialização científica tem como resultado, na concepção weberiana, que o cientista especialista não tem como obter uma visão de conjunto do homem e do mundo. *Logo a ciência não tem um sentido que ultrapasse a sua dimensão prática e técnica e não o tem porque não dá resposta às únicas perguntas importantes para o ser humano, quais sejam: O que devemos fazer? Como devemos viver?*

De fato, é incontestável que respostas a essas questões não nos sejam tornadas acessíveis pela ciência. (WEBER, 1998, p. 36).

O processo de racionalização acontecido no ocidente, ao explicar o mundo a partir dele mesmo, *conduziu a afirmação da existência de distintas maneiras de entender a vida e o mundo, distintos sistemas de valores em uma situação de mútuo enfrentamento e sem possibilidade racional de superá-la.* (ABELLÁN, 2001, p. 26).

Weber (1998, p. 34) contesta a visão ingênua dos experimentadores pioneiros do tipo Leonardo da Vinci *para quem a ciência era o caminho capaz de conduzir à verdadeira natureza, à felicidade humana*. Ele desnuda o discurso científico-positivista, revelando as conseqüências de entronizá-lo como resposta determinante da felicidade humana e, em atitude oposta, assevera que, *libertando-nos do intelectualismo da ciência, é que poderemos apreender nossa própria natureza.* (WEBER, 1998, p. 34).

A ciência dedica-se ao exercício de desvelar os mistérios do mundo para a sua dominação, mas ela é impotente para nos dizer sobre o verdadeiro sentido da vida. *Essa questão insere-se no campo dos valores e cada homem em seu existir singular é que deve “dolorosamente” definir qual a vida que merece ser vivida.* A luta entre distintos sistemas de valores deve ser decidida na consciência de cada indivíduo, que tem que eleger, com au-

tonomia, os valores que reconhece como guias da sua vida. (ABELLÁN, 2001, p. 23).

*“Nos termos das convicções mais profundas de cada pessoa, uma dessas éticas assumirá as feições divinas e cada indivíduo terá de decidir, de seu próprio ponto de vista, o que para ele é deus e o que é o diabo”.* (WEBER, 1998, p. 42).

#### 2.4 Sobre a contribuição positiva da ciência para a vida prática e pessoal

Após todas essas considerações que demonstram a inconciliabilidade entre ciência e valores, bem como os limites do conhecimento científico, Weber formula a seguinte indagação: “Se assim é, qual, em essência, a contribuição positiva da ciência para a vida prática e pessoal?”. (WEBER, 1998, p. 45).

A ciência, na visão weberiana, fornece-nos resposta à questão do que deveremos fazer se desejamos ser tecnicamente senhores da vida, mas nos deixa em suspenso com relação à indagação se essa atitude tem algum sentido. As contribuições práticas da ciência, segundo Weber (1998, p. 45-46), seriam as seguintes:

- a) Institui a *previsibilidade* que nos permite dominar tecnicamente a vida;
- b) Fornece *métodos de pensamento*, isto é, instrumentos e uma disciplina;
- c) Contribui para *clareza* dos fatos e eventos estudados;
- d) Revela a *visão de mundo* que fundamenta a concepção adotada pelo cientista.

A visão definitiva a respeito do papel da ciência é registrada por Weber (1998, p. 47-48) com as seguintes palavras:

“A ciência é, atualmente, uma ‘vocação’ alicerçada na especialização e posta ao serviço de uma tomada de consciência de nós mesmos e do conhecimento das relações objetivas. A ciência não é produto de revelações, nem é graça que um profeta ou um visionário houvesse recebido para assegurar a salvação das almas; não é também porção integrante da meditação de sábios e filósofos que se dedi-

cam a refletir sobre o sentido do mundo. Tal é o dado inelutável de nossa situação histórica, a que não poderemos escapar, se desejarmos permanecer fiéis a nós mesmos. E agora, se à maneira de Tolstoi novamente se colocar a indagação: ‘Falhando a ciência, onde poderemos obter uma resposta para a pergunta – que devemos fazer e como devemos organizar nossa vida?’ ou, colocando o problema em termos empregados esta noite: ‘Que deus devemos servir dentre os muitos que se combatem? Devemos, talvez, servir um outro deus, mas qual?’ – a essa indagação eu responderei: procurem um profeta ou um salvador”.

### 3. Conclusão

A conferência “A Ciência como Vocação”, em nosso entendimento, condensa a visão de mundo weberiana. Com efeito, muito além de se debruçar sobre a política educacional universitária germânica, a conferência exterioriza a preocupação fundamental que marca o pensamento weberiano: o avanço da racionalização em todos os campos da vida. A manifestação do professor Manoel T. Berlinck (1998, p. 10) reforça essa nossa convicção:

“Esse conjunto de influências acabou por produzir, em Weber, aquilo que muitos consideram a preocupação central de sua obra: a racionalidade. A impressão que se tem é a de que seus estudos sobre religiões, a análise do surgimento do capitalismo, os estudos sobre poder e burocracia, os escritos metodológicos e sua sociologia do Direito são tentativas de resposta a perguntas tais como: quais as condições necessárias para o aparecimento da racionalidade?; qual a natureza da racionalidade?; quais as conseqüências sócio-econômicas da racionalidade? Se tal impressão for

verdadeira, os dois ensaios que são apresentados em seguida constituem verdadeiros marcos do pensamento de Weber pois ambos se referem especificamente à racionalidade”.

A racionalização estudada por Weber *não pode ser entendida como um movimento para o esclarecimento e para o progresso moral da humanidade*. Ao contrário, a visão weberiana percebia o processo de racionalização como um desencantamento do mundo que “levou os homens a banirem da vida pública os valores mais supremos e mais sublimes” (WEBER, 1998, p. 51), que foram encontrar abrigo na vida mística ou na fraternidade das relações diretas entre indivíduos isolados. *Esse desencantamento do mundo, visualizado por Weber, refletia uma percepção pessimista da humanidade e do seu futuro, tendo em conta a ausência de horizontes que viessem a suplantam a força esmagadora da racionalização*<sup>3</sup>.

“Em sua teoria da racionalização, Weber demonstra como, de um lado, o homem destrói sua esperança de um mundo além, no qual encontre salvação, mediante o processo de desencantamento do mundo, *destruindo assim toda opção de transcendência extramundana. E de outro lado, demonstra que o futuro é sempre inalcançável e não passa de uma ilusão, confinando o homem a espremer suas possibilidades de existência no presente imediato. Isto é, destrói toda possibilidade de transcendência intramundana no futuro. O homem fica confinado no presente, que é dominado pela irracionalidade insuperável dos fatos*”. (SASTRE, 1999, p. 188).

Em síntese, para Weber, a racionalização, paradoxalmente, fomenta o irracionalismo. (MAIA, 2002, p. 310).

### Notas

Sobre a questão polêmica das datas das conferências, veja-se o texto, de Wolfgang Schluchter (2000, p. 104-109), “Neutralidade de Valor e a Ética da Responsabilidade”.

<sup>2</sup> Sobre esse tema, veja-se o livro “Max Weber: entre a paixão e a razão”, de autoria de Hector L. Saint-Pierre (1999).

<sup>3</sup> Para aprofundamento sobre o conceito de “desencantamento”, veja-se o excelente trabalho “O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber”, de autoria de Antônio Flávio Pierucci (2003).

### Referências

- ABELLÁN, Joaquín. Introdução. In: WEBER, Max. *La ciencia como profesión*. 2. ed. Madri: Espasa, 2001.
- ARON, Raymond. *As etapas do pensamento socio lógico*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BENDIX, Reinhard. *Max Weber: um perfil intelectual*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1986.
- BERLINCK, Manoel T. Prefácio. In: WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- COHN, Gabriel. *Weber*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- DIGGINS, John Patrick. *Max Weber: a política e o espírito da tragédia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria de la acción comunicativa: racionalidad de la acción social y racionalización social*. 3. ed. Madri: Taurus, 2001. v. 1
- HECKER, Alexandre. A ciência isenta e a mão no leme da história. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 125-137, inverno 1999.
- LAZARTE, Rolando. *Max Weber: ciência e valores*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MacRAE, Donald G. *As idéias de Weber*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.
- MAIA, Rui Leandro. *Dicionário de sociologia*. Porto, Portugal: Porto Editora, 2002.
- MAYER, Jacob Peter. *Max Weber e a política alemã*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- PIERUCCI, Antonio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- RITZER, George. *Teoria sociológica clássica*. Madrid: McGraw-Hill, 2002.
- SAINT-PIERRE, Héctor. *Max Weber: entre a paixão e a razão*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- SASTRE, Edilberto A. *Viagem à alma do diabo: uma leitura possível das dualidades na sociologia de*



Max Weber. Brasília, 1999. Dissertação (Mestrado em sociologia) - Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia, Brasília, 1999.

SCHLUCHTER, Wolfgang. Neutralidade de valor e a ética da responsabilidade. In: COELHO, Maria Francisca Pinheiro (Org.). *Política, ciência e cultura em Max Weber*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

TRAGTENBERG, Maurício. Introdução. In: WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001. Parte 1.

WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 1998.

\_\_\_\_\_. *Economia e sociedade*. 3. ed. Brasília: EdUnB, 1999. 2 v.

\_\_\_\_\_. *Ensaio de sociologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1979.

\_\_\_\_\_. *Metodologia das ciências sociais*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001. Parte 1.

